

YERBA BUENA



NINA LACOUR

TOP
SELER

«Uma história de amor terna e por vezes desoladora
entre duas mulheres à procura do seu caminho.» **BUST**

UMA TARDE NA PRIMAVERA

Subiram a colina em conjunto. Um borrão de árvores e céu lá fora, guinchos de travões, uma corrente de energia que passava. Com cada curva da estrada, a pressão de um ombro nu contra o outro, até o autocarro abrandar e parar.

As portas abriram-se, saíram para a rua. A Armstrong Drive acabava ali, um beco sem saída: um parque de estacionamento, o posto do guarda-florestal, a entrada para a floresta. Sara abriu a mochila e sacou de uma garrafa térmica, desenroscou a tampa e bebeu do seu conteúdo. Os dedos delas tocaram-se quando Annie pegou na garrafa, e Sara ficou a observar Annie a encostar a boca ao gargalo de metal e a beber.

Sara tinha sempre aquela sensação: a forma como o ar mudava assim que entrava na floresta. Terra fresca, molhada e recente, até mesmo em dias brilhantes como este, numa altura em que a luz começava a esmorecer e parecia suavizar tudo.

— Achas que devíamos arranjar um mapa? — perguntou Annie, mas Sara abanou a cabeça. Ela conhecia bem a floresta, sabia perfeitamente perder-se nela e voltar a encontrar o caminho de regresso.

Pegou na mão de Annie e conduziu-a até depois do posto do guarda-florestal. Um grupo de turistas passou rente a elas, com os rostos virados para cima. Sabia-lhe bem sentir-se pequena. Fora por

isso que a mãe a levava até ali quando ela era miúda; era por isso que Sara continuava a vir depois da morte da mãe.

Dirigiram-se para o trilho preferido de Sara — o mais íngreme, o mais calmo — e caminharam até ficarem sem fôlego, a olhar para os ramos das velhas sequoias, tão perto do céu quanto conseguiam.

— Ali? — perguntou Annie.

Sara seguiu o olhar de Annie, pousado numa mata para lá do trilho. Depois, anuiu com a cabeça, e o seu coração acelerou. Caminharam o mais cuidadosamente possível pelo terreno da floresta até uma clareira rodeada por sequoias jovens, com um tronco oco mesmo no seu centro. Aí chegadas, abriram as mochilas, retiraram uma manta e duas camisolas, e estenderam tudo por cima das agulhas dos pinheiros.

A floresta estava sossegada. As outras pessoas estavam todas muito longe.

— Posso beijar-te agora? — perguntou Sara.

— Ainda não — disse Annie. Tirou a t-shirt, passando-a por cima da cabeça. Desapertou o soutien.

— Agora?

Annie abanou a cabeça.

— É a tua vez.

Então, Sara também tirou a t-shirt e Annie apressou-se a beijá-la antes que ela pudesse perguntar outra vez.

O alívio que foi, depois de tantas horas de espera.

A emoção que foi: duas jovens raparigas de 14 anos, secretamente apaixonadas.

Sara deixou-se cair sobre a manta, Annie por cima dela. Beijaram a curva do pescoço e das clavículas uma da outra. Envolveram os seios com as palmas das mãos. Sorriram, coraram, beijaram-se mais intensamente.

Depois de algum tempo, descansaram juntas, com a cabeça de Annie encostada ao pescoço de Sara.

— Olha — sussurrou Annie, e Sara viu uma lesma-banana, de um tom amarelo brilhante, a emergir de um feto. A criatura alcançou Sara, que estremeceu perante a sensação estranha e fria que lhe causou, tentando não se rir. A lesma deslizou pela sua barriga pálida, e depois passou para a de Annie. Demorou uma eternidade. Eram três criaturas na floresta. As raparigas mantiveram-se muito quietas. A lesma deixou um rasto de baba brilhante na pele delas.

No seu encaço, uma onda de pesar: os pequenos losangos do padrão de uma bata de hospital. O verniz cor-de-rosa forte que Sara aplicara nas unhas da mãe em pinceladas cuidadosas. Olhos amarelados, lábios brancos gretados. As expressões de preocupação das enfermeiras, as birras do irmão mais novo de Sara e a forma como o pai dela se mantinha num canto do quarto quando fazia uma visita, de mãos atrás das costas. Ao longo das semanas no hospital, aquela sensação de estar à beira de um abismo. E depois a mãe morreu e Sara mergulhou nele.

— Então? — murmurou Annie, e Sara regressou ao bosque de sequoias, sentindo o coração a bater com força. — Em que é que estás a pensar?

— Em nada, na verdade.

Uma brisa agitou os ramos por cima delas.

— Conta-me alguma coisa que eu ainda não saiba — pediu Annie. — Sobre ti.

Sara sentia a voz de Annie perto do seu ouvido, o corpo dela, tão suave, encostado à sua pele. O que poderia Sara dizer que pudesse agradar-lhe? Seguramente, nada do que se passara nos últimos dois anos, nem nos meses anteriores. Nada sobre a escola, porque, embora por vezes parecesse que tinham acabado de se conhecer, sentavam-se juntas nas salas de aula desde pequenas. Teria de recuar mais... até que encontrou algo.

— Costumávamos jogar um jogo em família. Um jogo de desenhos. Sentávamo-nos à volta da mesa e um de nós começava, geralmente o meu pai. Ele desenhava uma rua ou um comboio ou uma

montanha. E depois a pessoa que vinha a seguir acrescentava-lhe outra coisa. Pessoas ou carros ou o céu. A última pessoa, fosse quem fosse, completava-o e, por essa altura, a folha já estava toda cheia. Eu gostava muito disso. Ficava à espera para ver o que eles iam desenhar, a pensar em alguma coisa que os surpreendesse. Às vezes, passávamos horas naquilo.

Ela esperava que fosse suficiente, sentiu Annie a puxá-la para mais perto de si.

Nessa altura, o sol já ia baixo no céu, e elas teriam de regressar — Annie ao irmão gémeo e aos pais, Sara ao irmão mais novo, para se certificar de que alguém lhe dava de comer. Ele estava provavelmente a pôr-se em cima da bicicleta, a sair agora de casa do amigo, em direção à sua própria casa. Talvez o pai deles estivesse lá hoje à noite. Talvez não. Fosse como fosse, Sara teria de apanhar o autocarro de regresso à vila antes que o sol se pusesse sobre as cabanas decrépitas, as casas de férias rústicas e o rio, largo e lamacento. Sobre o Appaloosa Bar, o cabeleireiro Wishes & Secrets e sobre o campanário branco da igreja do pai de Lily.

Mas, antes disso, só mais alguns minutos aqui, pensou ela.

Outro beijo.

Outro pássaro lá no alto.

Outra brisa a arrefecer-lhe a pele.

Como era fácil esquecer o resto quando se sentiam pequenas e seguras na floresta.

No outro extremo da Califórnia, Emilie enterrou uma nova planta verde na terra do jardim da sua escola católica. As suas folhas eram-lhe familiares. Olhou em redor e sim, havia mais, a galgarem o muro de contenção.

— É a mesma planta, não é? — perguntou ela, e a Sra. Santos acenou com a cabeça.

— Se vires um lugar vazio num jardim, procura o que já lá está a crescer. Há uma boa probabilidade de conseguires tirar um bocadinho do que lá está.

A escola tinha ficado deserta há algumas horas. Agora restavam apenas eles os três — Emilie, o seu amigo Pablo e a mãe de Pablo — a tratar do pequeno terreno que separava a escola da rua. A Sra. Santos voluntariara-se para o tornar simultaneamente bonito e útil. Algumas flores, na sua maioria ervas aromáticas.

— Como é que se chama? — perguntou Emilie. Ela tinha estado a aprender os nomes das plantas, mas esta, a crescer à sombra, escapara-lhe de alguma forma.

— *Yerba buena*.

— Que engraçado — disse Emilie. — Esse é o nome do restaurante preferido dos meus pais. Lembras-te, Pablo? Aquele sítio na Sunset Boulevard onde fomos?

— Aquele todo chique?

— Sim.

Pablo atirou para dentro de um balde as ervas daninhas que tinha arrancado e juntou-se a ela em frente à planta. Arrancou um caule, abanou-o diante do rosto de Emilie.

— Aqui tens um raminho de menta. Dá-me todo o teu dinheiro¹. Riram-se os dois, a Sra. Santos também.

— Então *é mesmo* uma espécie de menta? — perguntou Emilie, esfregando uma folha entre os dedos.

— Sim, é boa para chá — disse a Sra. Santos. — Tal como a maioria destas plantas. É fácil manter um jardim de plantas para chás. Tisanas, para sermos mais precisos. Plantas pequenas. Não dão muitos problemas. Vou colher algumas para ti. Vê lá do que é que gostas.

¹ Jogo de palavras com a polissemia de *mint*, que se refere não só à planta, mas também à casa da moeda e a uma grande quantidade de dinheiro. [N. T.]

Verbena. Hortelã-comum. Camomila. Salva. *Yerba buena*.

— É um bouquet — disse Emilie quando a Sra. Santos lho entregou.

— Usa-as frescas. Experimenta alguma enquanto estiveres a fazer os trabalhos de casa hoje à noite.

Reuniram os seus pertences e iniciaram a caminhada até às suas casas, uma em frente à outra, de cada lado da estrada, a seis quarteirões da escola.

— Como está a Colette? — perguntou a Sra. Santos.

— Está bem. Anda a ensinar-me a tocar guitarra. Sinta aqui os meus dedos.

A Sra. Santos tocou-lhe nos calos.

— Tens andado a praticar.

— Sente — disse Emilie a Pablo enquanto esperavam pelo sinal verde para os peões.

— Uau!

O semáforo mudou e eles atravessaram a estrada, enquanto Emilie pensava em Colette a posicionar-lhe os dedos, a dizer-lhe quando é que devia mudar de corda. As duas sentadas na cama de Colette, a aprender canções. Ultimamente, porém, nas últimas semanas, Emilie tinha praticado sozinha no seu quarto enquanto a irmã ficava, sozinha, no dela. Veio-lhe à memória a cena que se desenrolara duas noites antes: Colette a gritar com ela, a fechar a porta com força.

Estavam quase a chegar às suas casas.

— Depois, diz-me o que achaste do chá — pediu a Sra. Santos.

— Basta água quente e algumas folhas. Mel também, se quiseres.

Emilie acenou-lhes enquanto subia os degraus da entrada da sua casa.

— Até amanhã.

— Passa lá por casa mais logo para me dares as respostas de álgebra — pediu-lhe Pablo depois de ela ir, e a Sra. Santos repreendeu-o

na brincadeira, conforme Emilie, encontrando a porta da frente destrancada, entrava em casa.

Não estava ninguém em casa, por isso ela cortou um bocado de queijo para comer com uma maçã e levou o prato para o alpendre. Há apenas alguns meses, o pai de Emilie, Bas, e os seus dois primos tinham desmontado o alpendre antigo e convidado Emilie e Colette para os ajudar a construir um novo.

— Tradição familiar — dissera Bas. — Ajudámos os nossos pais a construir casas e alpendres e essas coisas todas.

— E lá em Nova Orleães — disse Rudy, o mais velho dos primos, o único que tinha nascido antes de as famílias se mudarem para Los Angeles —, os *nossos* pais ajudaram os pais deles.

Colette revirou os olhos. Acabara há pouco tempo o ensino secundário, mas mesmo à tangente, tendo-lhe corrido tão mal o seu segundo semestre que a faculdade que ela tencionava frequentar retirara a sua admissão.

— Os meus amigos estão à minha espera na praia — disse ela.

Mas Emilie achou que seria empolgante. As pilhas de madeira, os primos que elas raramente viam, apesar de viverem em cidades vizinhas.

— Vá lá, mana — disse Emilie. — Vai ser divertido.

Colette encostou-se à casa. Ela era quase um ser de outro planeta para Emilie, com os seus três anos e cinco centímetros de altura a mais. O seu cabelo era mais comprido do que o de Emilie, os seus calções de ganga eram mais curtos, e ela inclinou a cabeça, mantendo-os todos em expectativa. Depois, encolheu os ombros e disse:

— Porque não?

Colette ajudou durante cerca de uma hora antes de dizer que tinha de se ir embora. Mas Emilie passou o dia todo na rua com eles, a ouvir as suas histórias, a rir-se das suas piadas mesmo quando não as compreendia, martelando os pregos onde eles lhe diziam para

o fazer. Ensinaaram-lhe a usar a lixadeira elétrica e, com uma máscara e óculos de proteção, ela trabalhou na balaustrada até esta ficar lisa.

Estava agora apoiada na balaustrada, a olhar para uma pequena extensão de jardim vazia onde uma roseira tinha morrido e nunca tinha sido substituída. Talvez ela pudesse transplantar para ali um bocado de alfazema. Ou talvez começar o seu próprio jardim de chá. Emilie viu um movimento através da porta deslizante — devia estar alguém em casa. Os seus pais não tinham horários de trabalho regulares. Bas trabalhava como empreiteiro, Lauren era uma advogada especializada na indústria do entretenimento. Eles iam e vinham e deixavam as filhas fazer o mesmo.

Chá, pensou Emilie. *Não alfazema*. Pediria à Sra. Santos que a ajudasse a começar. Então, ouviu um estrondo vindo de dentro, botas a descer as escadas, ouviu o grito de Bas a pedir ajuda.

— Liga para o número de emergência. É a tua irmã.

Emilie pegou no telefone e ligou, seguindo o pai para o piso de cima enquanto o telefone chamava e, do outro lado da linha, lhe pediam para indicar qual era a emergência, mas Bas estava a bloquear a porta da casa de banho.

— Não olhes, querida. Diz-lhes para enviarem já uma ambulância. Diz-lhes que é uma *overdose*, diz-lhes para virem *agora mesmo*. Não olhes, Em, espera à porta por eles.

Então, Emilie voltou a descer e a ambulância aproximou-se, silenciosamente, sem sirenes, e estacionou à frente da casa. Dois paramédicos entraram apressados em casa dela, Emilie apontou para as escadas e depois Lauren também chegou a casa, e não havia nada que Emilie pudesse fazer enquanto os paramédicos levavam a sua irmã, inconsciente, mas viva, porta fora e para dentro da ambulância, com Bas a subir atrás deles.

Lauren pegou nas chaves do carro.

— Vou segui-los até ao hospital — disse ela a Emilie.

— Eu também vou.

— Não, não, tu ficas. — Lauren pegou no rosto de Emilie entre as mãos. — Minha querida filha, minha linda menina. Fica aqui sossegadinha enquanto estivermos fora.

Emilie olhou pela janela enquanto a ambulância se afastava, seguida pela mãe, todos estranhamente ignorados pelo resto do mundo. Alguns minutos depois, do outro lado da rua, em casa da família Santos, as luzes acenderam-se. Ela podia ter atravessado a estrada, podia ter-lhes contado tudo, jantado à mesa deles. Mas não o fez. Ficou sozinha em casa, enquanto a noite continuava. Ficou a olhar, espedada, para os trabalhos de casa, esqueceu-se de comer. As ervas da horta da escola murcharam na bancada. Enfiou-se na cama, manteve o corpo o mais imóvel que conseguiu. Iria ficar ali sossegadinha até tudo ter terminado.

PARAÍSO

Dois anos depois, Sara acordou com a porta do quarto a abrir-se. — O telefone não parava de tocar — disse Spencer da porta, com o cabelo achatado de um lado e os olhos cansados. — É o irmão da Annie.

Sara pegou no telefone, encostando-o à orelha.

— Dave?

— A Annie está contigo?

— Não.

Ela viu que era uma e meia da manhã e o coração começou a bater com mais força. Spencer sentou-se ao seu lado e encostou a face à dela para ouvir.

— Tens a certeza de que ela não está contigo? — perguntou Dave.

— *Claro* que tenho a certeza — respondeu Sara.

— Quando é que foi a última vez que a viste?

— Quando as aulas acabaram. Quando me despedi de vocês os dois. Depois fui trabalhar e depois voltei para casa.

— Os meus pais precisam do telefone. Vou desligar. Depois ligo-te se descobirmos alguma coisa.

Sara anuiu com a cabeça, incapaz de falar, segurando no telefone até que Spencer lho tirou e o pousou junto à cama.

— Espera — disse Spencer —, ele não devia ser capaz de descobrir sozinho? Tipo se fechasse os olhos e se se concentrasse?

— Do que é que estás a falar? — perguntou Sara.

— Pensei que os gémeos conseguiam fazer isso — disse Spencer.

— Ah. — Sara pegou na pequenina mão dele. — Acho que não é assim que funciona.

De manhã, Sara fez os habituais ovos mexidos para Spencer, embora se sentisse demasiado enjoada para comer.

Tirou do armário os pratos da mãe, agora lascados nas bordas e com o padrão florido a desvanecer-se. Demorara algum tempo, mas conseguira sair do poço da sua dor. Contudo, agora que Annie tinha desaparecido, Sara sentia a dor a aproximar-se novamente. Aquela terrível ausência de peso, algo cavernoso muito lá em baixo.

Spencer sentou-se no cantinho onde habitualmente tomava o pequeno-almoço. Quando Sara lhe levou o prato, viu uma página em branco e um lápis em cima da mesa. O jogo de desenhos da família, agora só para dois.

— Podes começar tu — disse Sara, por isso Spencer começou a desenhar.

Sentou-se à frente do irmão; a luz passava pelas cortinas de algodão axadrezado; a frigideira arrefecia no lava-louça amarelado; o desenho da família de há anos estava pendurado na parede junto à janela.

Spencer desenhava um céu nublado, esbatendo com os dedos as linhas desenhadas pelo lápis. Quando acabou, passou o desenho à irmã. Sara desenhou copas de árvores.

— Temos de ir — disse ela. — Podemos preencher o resto mais tarde?

— Está bem — respondeu ele, e fixou-o ao frigorífico com um íman. — Ou talvez o pai o faça.

— Talvez — disse ela.

Juntos, no alpendre, calçaram os sapatos antes de seguirem em direções opostas para as respectivas escolas.

Sara não tinha levado muito peso na mochila, para o caso de precisar de sair imediatamente outra vez. Quando desceu do autocarro em frente à escola, no outro lado da rua, estava à espera de ver Annie ali parada: o cabelo castanho encaracolado e o casaco de ganga, a sua postura de miúda reguila anulada pela doçura do seu rosto. «Assustaste-me», gritar-lhe-ia Sara, e Annie agarrá-la-ia pela cintura, e as duas tentariam parecer só amigas. Sara imaginou-se a puxar pelo cinto de Annie. «Não voltes a desaparecer», diria ela. «Promete-me.»

«Prometo», responderia Annie.

Mas viu Dave e Lily num grupinho junto à entrada com Crystal e Jimmy. Annie não estava lá.

— O que é que havemos de fazer? — perguntava Crystal.

— *Sair daqui* — disse Dave. — Separamo-nos e vamos à procura dela. Foi do caraças os meus pais terem-me deixado aqui.

— Vou procurá-la na vila — disse Crystal. — Mas estou um bocado assustada. Não devíamos ir aos pares?

Jimmy anuiu com a cabeça.

— Eu vou contigo.

— Vocês os dois podem procurar juntos — disse Sara a Dave e Lily. — Eu cá me arranjo sozinha.

— Tens a certeza? — perguntou Lily, ao que Sara anuiu com a cabeça. — Trouxe o meu carro. Podemos ir a Monte Rio — disse Lily a Dave, e ele concordou.

Sara sentiu a leveza da sua mochila, sentiu uma esperança feroz e desesperada.

— Tenho de estar no trabalho às quatro. Se alguém a encontrar, liguem para o motel, está bem? — Os amigos dela anuíram com a cabeça. — Eu vou ao bosque.

* * *

Sara foi de autocarro, sozinha, pela Armstrong Drive acima, passou velozmente pelo posto do guarda-florestal e seguiu para o trilho delas. Confiava na floresta. Todas aquelas tardes que lá haviam passado. Mas mesmo assim. Preparou-se para o momento em que iria encontrar Annie, ferida ou inconsciente, a sangrar ou lesionada. Ou pior. Estava nevoeiro e frio. Gritou o nome de Annie, mas foi recebida com silêncio. Foi subindo cada vez mais alto e saiu do trilho, encontrou o arvoredo delas. Não estava lá ninguém. Desceu pelo caminho principal, descobriu outros trilhos.

Sara iria encontrá-la; tinha a certeza disso. Procurou durante mais de seis horas e, para se acalmar, imaginou Annie a aparecer de pernas cruzadas, encostada à madeira macia do tronco de uma árvore, sorrindo quando a visse. Imaginou o beijo que iriam dar, a voz cantarolada de Annie enquanto perguntava a Sara o que se passava. Lá estaria Annie, perfeitamente bem, e o mundo voltaria a estar certo, e ela não perderia outra pessoa que amava.

Então, o relógio de Sara indicou as três horas. Ela ia ter de deixar o bosque para chegar a tempo ao trabalho. Por isso, disse a si própria que o telefone iria estar a tocar quando chegasse ao escritório do Vista Motel. Seria Dave, que lhe contaria que a tinham encontrado. Deixou a sombra do bosque e esperou ao sol pelo autocarro que a levaria a Monte Rio.

O Vista Motel ficava na vila ao lado, e não era nem melhor nem pior do que os outros. O seu escritório principal tinha uma sala de arrumos na parte de trás. Todos os edifícios — vinte quartos individuais e três suites com kitchenettes — tinham só um piso. Os hóspedes podiam levar o carro mesmo até à porta do quarto. E atrás dos quartos havia um relvado privado para os hóspedes do motel com acesso

ao rio. Sentavam-se em espreguiçadeiras debaixo de chapéus de sol brancos e bebiam as bebidas que tinham trazido e, quando o tempo estava suficientemente quente, podiam descer as escadas até à praia rochosa e nadar.

— Alguém ligou à minha procura? — perguntou Sara a Maureen quando lá chegou.

Maureen, a fazer palavras cruzadas, abanou a cabeça sem levantar os olhos.

— Tens a certeza?

— Estou aqui desde as oito da manhã. «Periquito» — disse ela, e preencheu as letras. Depois, pegou numa prancheta e entregou-a a Sara. Apenas seis números de quartos estavam marcados, agora que a época alta tinha acabado.

— Estou à espera de uma chamada. É importante. Se ligarem enquanto eu estiver a limpar, vais chamar-me?

Maureen anuiu com a cabeça.

Na sala de arrumos, Sara calçou um par de luvas de látex. Encontrou o caixote do lixo com rodas com uma roda estragada. Pegou num balde com líquido limpa-vidros, esponjas e sacos do lixo e equilibrou um rolo de toalhas de papel por cima de tudo. Saiu pela porta das traseiras, empurrando aquilo tudo e entrou no Quarto 5. Tratou de tirar os lençóis e a colcha. Esvaziou o caixote do lixo que estava na casa de banho e o que se encontrava ao lado da cama. Pegou nas garrafas de cerveja vazias de cima da cómoda e nas páginas de jornal espalhadas pelo chão. Annie estava sempre a sugerir que um dia entrassem sorrateiramente num quarto e que o utilizassem apenas durante algumas horas.

— Não te parece bem? — sussurrara ela ao ouvido de Sara.
— Uma porta trancada? Uma *cama*.

— Acredita no que te digo, não há nada de apelativo em nenhuma daquelas camas — observara Sara.

— Porque não?

— São nojentas.

— São só pessoas — respondera Annie. — São só corpos. Qual é o problema?

Por isso, há apenas algumas semanas, na tarde do décimo sexto aniversário de Annie, Sara tinha limpadado o Quarto 12 — um dos quartos mais bonitos com vista para o relvado — tão meticulosamente quanto possível. Comprou seis velas na drogaria e descolou cuidadosamente as imagens de Jesus e da Virgem Maria antes de as dispor: uma em cada uma das mesas de cabeceira, três na cómoda, uma no móvel da televisão. Trouxe a sua aparelhagem de casa com o último álbum de Alicia Keys porque Annie acenava sempre com a cabeça e abanava o corpo quando *No One* tocava.

Nessa noite, Annie encontrou-se com ela a alguns quarteirões de distância para irem comer um gelado e, quando terminaram, Sara disse:

— Esqueci-me de uma coisa no trabalho. Vens comigo? — Assim que saíram da rua e ficaram fora de vista, Sara agarrou-lhe na mão. — Estás pronta para o teu presente? — perguntou.

Annie corou.

Maureen já lhe tinha dado a chave do quarto, por isso Sara levou Annie diretamente para a porta e fê-la entrar. Acendeu as velas. Pôs a música a dar. Abriu o minifrigorífico, onde a meia garrafa de vinho rosé que um casal deixara na suite aquela manhã as aguardava e dividiu o vinho pelos dois copos de plástico de pé alto que o motel fornecia aos hóspedes. Depois, virou-se e viu Annie a observá-la, com os olhos a brilhar, e sentiu-se assoberbada. *Ser olhada daquela maneira. Ser amada por aquela bela rapariga.* Ela poderia ter perdido o controlo sobre si mesma se Annie não tivesse dado um passo em frente nessa altura, colocado as mãos no cabelo de Sara, e a tivesse beijado.

A noite foi perfeita. Bem... quase perfeita. Houve o momento em que Sara foi beijar o interior do cotovelo de Annie e viu ali uma

marca. Sentiu-se zozna por um momento, perto das lágrimas, até que disse a si própria que não era nada. Não era daquelas coisas do seu pai ou dos amigos dele, nada como a sua mãe. Era um arranhão, talvez. Não significava nada.

Onde é que ela estava? Sara percorreu o quarto com o aspirador. Dave já devia saber alguma coisa por esta altura. Ela iria despejar o lixo e depois iria verificar com Maureen. Talvez a chamada tivesse chegado quando ela estava ocupada com um hóspede. Ou talvez Maureen não a tivesse levado a sério quando Sara lhe dissera que era importante. Contornou a esquina até junto do contentor grande do lixo e assustou-se. Estava lá um rapaz, talvez com mais dois anos do que ela, de pé, enfiado no lixo até aos joelhos.

Ele ficou petrificado e observou-a com atenção. Tinha o cabelo oleoso, que lhe caía por cima dos olhos. As suas roupas eram andrajosas, mas aquilo era o estilo *grunge*, por isso não revelava muito sobre ele.

— Olá — disse ele.

— Que nojo — comentou ela.

Ele sorriu, agora descontraído. Sara reparou que tinha o dente da frente, do lado direito, ligeiramente lascado.

— Estas revistas estão perfeitamente boas — disse ele, mostrando-lhe o que tinha encontrado.

Ela revirou os olhos e despejou o conteúdo do seu caixote do lixo. Ele avançou em direção ao lixo novo.

— Este aqui não tem nada que se aproveite — disse ela, antes de contornar a esquina para regressar ao trabalho com o seu caixote do lixo.

— Olha, espera! — chamou ele. Ela virou-se, impaciente, enquanto ele se levantava para sair do contentor. — Estava aqui a pensar... Há alguma hipótese de poder tomar um duche num dos quartos que ainda não tenhas limpado? Não demoro nada.

No início, Sara pensou em dizer que não, mas viu a esperança no rosto dele, e isso desencadeou a sua própria esperança. Deixá-lo-ia usar o chuveiro. Esperaria do lado de fora da porta. E enquanto ela fazia esta boa ação, enquanto ajudava alguém que precisava dela, Dave telefonaria para contar que a tinha encontrado.

No entanto, apesar de Sara ter feito aquela boa ação, e apesar de o rapaz lhe ter agradecido depois, com o cabelo molhado e o rosto limpo, Dave não lhe telefonara. E continuava sem ter telefonado quando ela voltou a verificar passado uma hora. Quando os lençóis estavam a secar e Sara voltou a entrar, Maureen contornou o balcão.

— Querida — disse ela —, eu conheço-te. Não me ias dizer que uma coisa era importante se não fosse. Se alguém telefonar a perguntar por ti, vou sair por esta porta a gritar o teu nome antes de acabarem de dizer olá. Percebeste?

— Está bem — respondeu Sara.

— Alguma coisa de que queiras falar?

— Não — disse ela. — Mas obrigada.

Não conseguia atribuir-lhe palavras. Ainda não. Queria manter Maureen tal como ela era: com o seu cabelo preto pintado e as suas camisas decotadas, toda ela negócios e bondade, o tipo de chefe que há apenas duas semanas lhe tinha entregado a chave do Quarto 12 sem fazer perguntas. Não queria ouvir o que Maureen pensava ou ver o seu rosto a ficar preocupado. Só queria que a espera acabasse. Só queria que o medo saísse do seu corpo.

Por isso, quando voltou a ver o rapaz, pela janela do Quarto 20, desta vez sentado descaradamente numa das cadeiras do relvado debaixo de um chapéu de sol branco, a folhear as páginas de uma revista, disse a si própria que, assim que terminasse de fazer

a última cama, se ele ainda não se tivesse ido embora, ela iria lá fora e sentar-se-ia com ele.

Quando se aproximou, ele levantou a mão e acenou.

— O que estás a fazer?

Ele encolheu os ombros.

— Não é isto que é suposto as pessoas fazerem aqui?

— Se se for um hóspede pagante, sim.

— Estás aqui para me expulsar?

Sara abanou a cabeça.

— Então, faz-me companhia.

Ela sentou-se na cadeira ao lado da dele, mas não antes de a afastar alguns centímetros para o lado. Ela era loura e bonita. Alta como o pai. Estava habituada a manter a guarda para que os rapazes e os homens não ficassem com ideias. Mas havia algo neste rapaz que lhe dizia que ele era porreiro.

— Este sítio é agradável — disse ele. — Nem acredito que as pessoas vivam efetivamente aqui. É como se fosse o paraíso.

— Não é bem assim.

— Estás a brincar? Olha só para isto.

— Não, eu sei — disse ela. — É lindo. Eu sei. — Ela compreendia porque é que as pessoas vinham e se sentavam onde eles os dois estavam sentados. O rio, as sequoias... Isso também a deslumbrava.

— Mas que raio estás aqui a fazer ao certo? — perguntou.

— Estou a caminho de Los Angeles, mas preciso de velas de ignição novas.

— Há uma oficina a uns quarteirões de distância.

— Eu sei. Disseram que conseguiam tratar disso numa hora, mas de momento estou meio liso. Tens alguma ideia de um sítio onde possa arranjar um emprego a curto prazo? É só um *Civic*. É barato repará-lo.

Sara encolheu os ombros.

— Na verdade, não.

— Bem, olha, toma — disse ele. Escreveu qualquer coisa no canto de uma página da revista e depois arrancou-a e dobrou-a.
— Se souberes de alguma coisa, ligas-me?

— Está bem.

Ela revirou os olhos, enfiou o papel no bolso.

Sara não sabia como havia de se sentir quando viu os carros em frente da casa. Se outra refeição só com ela e Spencer seria melhor, ou se as vozes barulhentas do pai e dos amigos dele poderiam afogar o temor que ela sentia.

Apesar de se encontrarem na sala de estar quando ela entrou, a casa estava quase silenciosa. A televisão transmitia as notícias locais num volume muito baixinho.

Dois tipos, irmãos cujos nomes ela estava sempre a trocar, encontravam-se sentados à janela a jogar às cartas. Levantaram o olhar quando ela entrou, mas depois voltaram a sua atenção para as mãos. Nunca falavam com ela. Mas Eugene encontrava-se no sofá.

— Olá — disse ele. — Olá, Sara. Vem cá sentar-te.

Deu uma palmadinha na almofada ao seu lado e Sara afundou-se nela, apercebeu-se do cansaço do seu corpo por ter andado à procura de Annie e a fazer limpezas. Inclinou-se para a frente, colocou a cabeça entre as mãos.

— Já quase nunca te vejo. Estás a crescer e a ficar demasiado ocupada para mim agora?

Ela conhecia Eugene desde sempre. A mãe de Sara e a mulher de Eugene tinham sido melhores amigas, mas depois a mãe de Sara morreu, e a mulher de Eugene deixou-o.

— A minha amiga está desaparecida — disse Sara, de cabeça ainda caída, olhos fechados.

— Desaparecida — repetiu Eugene. — Hum.

A sala estava novamente silenciosa, tensa com alguma coisa, mas que não tinha nada que ver com Sara. Ela estava demasiado exausta para se importar com isso.

— Procurámos por todo o lado.

Sentiu uma mudança de peso no sofá. Quando abriu os olhos, ele continuava lá, com uma nova cerveja na mão.

— Bem. — Ele bebeu um gole. — Ela há de aparecer. — Passou outro momento. — Sabes que podes vir ter comigo se alguma vez precisares de alguma coisa, certo?

Sara olhou para ele. Anuiu com a cabeça.

— Ótimo — disse ele. Deu-lhe uma palmadinha nas costas.

Nesse preciso instante, as luzes de um carro da polícia reluziram nas paredes.

— É o cabrão do Larry — disse um dos jogadores de cartas à janela. Ela ouviu a porta do carro a fechar-se e os passos de Larry a subirem pelo passeio. Os homens retesaram-se como sempre faziam quando ele aparecia. Tinham crescido juntos, mas o uniforme de Larry dividia-os.

O pai de Sara abriu a porta, sem o convidar a entrar.

— Precisas de alguma coisa?

— Olá, Jack. Estamos à procura de uma amiga da tua filha. Tenho algumas perguntas para lhe fazer.

— À Sara?

— Ela está aqui?

O pai dela desviou-se para o lado para dar espaço à filha na soleira da porta.

Sara respondeu às perguntas do agente — a última vez que tinha visto Annie, se se lembrava da roupa que Annie tinha vestida. Ela lembrava-se de tudo, claro, ainda não conseguia tirar os olhos dela, mesmo após mais de dois anos juntas. Se Larry tivesse feito alguma pergunta sobre a relação delas, ela ter-lhe-ia contado a verdade. Não sabia exatamente porque a escondiam. Já havia quem se

tivesse assumido na escola e não fora assim tão mau. Mas o segredo tornara-se aquilo a que ela e Annie estavam habituadas. Uma coisa sagrada, entre elas. Não queriam levantar ondas.

— Tens conhecimento de quaisquer atividades de risco em que a Annie possa ter estado envolvida?

Annie à luz das velas, a marca no braço. Talvez devesse contar a Larry. Mas podia não ter sido nada, e Sara não tinha maneira de saber ao certo.

— Não — respondeu, e esperava que Jack acreditasse nisso.

— Algum tipo de drogas?

Não tinha sido nada. Sara abanou a cabeça.

Larry virou-se para Jack.

— Tens algum motivo para pensar de maneira diferente?

O rosto do pai, impassível. O seu tom firme, como sempre.

— Olha lá, por que raio haveria eu de saber alguma coisa sobre isso?

— Era só para ter a certeza.

Larry partiu e o pai de Sara e Eugene, bem como os outros homens, abriram outra rodada de cervejas. Sara foi ver como estava Spencer, ao fundo do corredor, adormecido na sua cama. Pegou nas chaves suplentes da gaveta da cozinha e parou na sala de estar.

— Preciso da carrinha por um bocadinho. Está bem?

O pai respondeu-lhe com um simples aceno de cabeça.

— Tem cuidado lá fora — disse ele.

Ela conduziu um quilómetro e meio através da escuridão até ao The Pink Elephant. Eram demasiado jovens para entrar, mas costumavam encontrar-se lá quase todas as noites sob o brilho do néon do letreiro. Ela ia aparecer por lá e ficar à espera, os seus amigos iriam trazer notícias e tudo voltaria a ficar bem.

Ao aproximar-se, viu que Dave estava sentado no passeio, com a testa em cima dos joelhos. O braço de Lily estava à sua volta, e Jimmy não parava de falar, como acontecia sempre que estava nervoso.

— Vão dragar o rio — disse Dave quando Sara chegou junto deles.

Primeiro, ela reparou apenas nos seus olhos inchados, no seu aspeto doente, na forma como uma pessoa podia definhar ao longo de tão poucas horas. E depois: na sua boca, com a mesma forma que tinha a boca de Annie e igualmente macia. Sara pensou que talvez pudesse fechar os olhos e beijá-lo, abrir os olhos e encontrá-lo transformado na irmã.

Então, disse:

— *O quê?*

E ele repetiu:

— Vão dragar o rio.

Ela pressionou as mãos contra os olhos até doer demasiado. Ainda ali estavam todos, debaixo da luz de néon cor-de-rosa do letreiro.

— Não estou a perceber — disse ela.

— Parece demasiado prematuro, não é? — comentou Jimmy. Enfiou as mãos nos bolsos. — Ela nem sequer está desaparecida assim há tanto tempo. Não sei porque é que têm de fazer isso já. Não acham que é provavelmente um erro? Quero dizer, porquê saltar logo para o pior cenário? Têm a certeza de que os hospitais não estão enganados?

— Vão dragar o rio — repetiu Sara.

Lily enxugou os olhos e fitou Sara. Acenou com a cabeça, solene.

Jimmy disse novamente:

— Tem de ser um erro. Como é que toda a gente tem assim tanta *certeza* de que ela não está num hospital algures por aí?

— Foda-se, porque temos a certeza, está bem, Jimmy? — disse Dave. — Já ligámos para todos os hospitais. Procurámos *por todo o lado*. Temos a *certeza* absoluta.

— Desculpa — respondeu Jimmy. — Pronto. Desculpa.
Lily entrelaçou os dedos e baixou a cabeça, em oração.

Depois da morte da mãe de Sara, regressaram a casa, agora só três. Um rapazinho que mal tinha acabado de aprender a andar e que não se deixava consolar perante a mais pequena contrariedade: o leite coalhado que tem de ser deitado fora, um buraco numa meia, um brinquedo desaparecido. Um homem que brincava e ria com os amigos, mas que uivava no quarto à noite com tal ferocidade que acordava os filhos. Uma menina de 12 anos, toda ela frágil e dilacerada. Doía-lhe comer e doía-lhe ter fome. Estar acordada era estar em desespero, mas os seus músculos ficavam doridos devido à inércia.

Até que, certa noite, Spencer apareceu e encostou o seu corpo ao dela. Ela estava habituada a estar perto dele, a afagar-lhe o cabelo quando ele chorava, a beijar-lhe a testa. Mas naquela noite foi diferente. Ele aninhou o rosto entre as omoplatas dela. Ela sentiu a barriga dele a subir e a descer contra as costas dela. Sentiu o batimento sincronizado dos seus corações.

Ele precisa de mim. Ele precisa de mim. Ele precisa de mim.

Eu preciso dele. Eu preciso dele. Eu preciso dele.

Ele trouxe-a de volta à vida.

Quando regressou do parque de estacionamento do The Pink Elephant, tendo os amigos do pai ido embora, foi para o quarto de Spencer e enfiou-se na cama dele.

— Olá — murmurou ele.

— Posso dormir aqui? — perguntou ela. *O rio*. Não conseguia tirá-lo da cabeça.

Spencer anuiu com a cabeça, e ela virou-se. Fez deslizar o corpo até sentir a barriga do irmão a tocar-lhe nas costas. Esperou pela respiração dele. Esperou pela batida do seu coração. Tinha esperança de que ele ainda tivesse o poder de a curar. Mas o medo de Sara era uma coisa selvagem e perigosa. O corpo dela tremia. Spencer não se apercebeu. Assim que o irmão adormeceu outra vez, ela voltou para o seu quarto.

Bata de hospital com losangos. Verniz cor-de-rosa. A lesma e as sequoias. A sensação que lhe provocava sentir-se abraçada, e como se sentia depois. A esperança, a tornar-se oca.

O pânico era tão forte que ela pensou que se ia partir em duas, não conseguia ficar quieta. O seu quarto parecia demasiado grande para ela, cheio de demasiado ar. Precisava de se sentir restringida. Tirou algumas caixas do armário para arranjar espaço, levou consigo os cobertores lá para dentro. Fez deslizar a porta para a fechar e gritou contra a almofada. Deixou-se ficar no escuro, com camisas e vestidos que já não lhe serviam pendurados por cima dela. Queria ficar ali, sentia-se mais segura, mas ouviu alguém a bater à porta do quarto.

Encontrou o pai à espera. Ele perscrutou o quarto para lá dela: a cama sem roupas, os cobertores a saírem do armário.

— Vais dormir aí? — perguntou ele.

O medo deixara-a a sentir-se em carne viva e ali estava o seu pai e ela queria dizer-lhe a verdade.

— Estou assustada — disse. Ele pôs-lhe uma mão no ombro. Há muito tempo que não lhe tocava. Ela sentiu o estremecimento da memória, algo há muito enterrado, uma época antes de Spencer, antes da morte, quando era uma menina que se ria com os pais sob o sol brilhante na margem de um rio.

Numa altura antes de saber que o rio conseguia engolir uma pessoa inteira.

— Vão dragar o rio pela manhã — disse.

Quando olhou novamente para ele, as faces dele estavam molhadas e os seus olhos, fechados.

— Pai — disse ela. — Vamos procurá-la, está bem? Vamos pegar no carro e vamos encontrá-la.

Sentiu o calor da mão dele, sabia que ele a podia ajudar. E então ele apertou-lhe levemente o ombro e soltou-a.

— Ouve — disse ele. — As raparigas da tua idade... não desaparecem simplesmente. Ela morreu e é o fim da história.

— A Annie não.

Ele inalou num fôlego, lançou o olhar pelo corredor escurecido. Ela queria que o pai a encarasse em vez de se pôr a olhar para o corredor. Sentiu que poderia desaparecer enquanto ele não a estava a ver. «Fica comigo», queria dizer-lhe. «Ajuda-me a ultrapassar isto.»

— Vivo nesta vila há muito tempo — disse ele. — Também perdi muitos amigos. Uma pessoa segue em frente. Hás de aprender.

Mas a boca de Annie a beijar a dela. A cabeça de Annie aninhada na curva do seu pescoço.

— Somos mais do que amigas — disse ela, e os olhos do pai viraram-se para os dela num ápice, com surpresa. Ela tentou novamente. — Ajuda-me a encontrá-la.

Ele virou-se e dirigiu-se à parte da frente da casa. Sara disse a si própria que o pai fora buscar as chaves. Talvez fazer café para os manter acordados durante a viagem. Fora buscar os sapatos, e iria voltar e dizer-lhe «Anda lá». Ela esperou, a imaginar: como é que seria não estar sozinha.

Foi à casa de banho, voltou para o quarto, certa de que iria encontrar o pai à sua espera e pronto para partir. Mas ele não estava lá. Também não se encontrava na sala de estar.

Tinha desaparecido.

Foi desligar a luz na cozinha e viu algo familiar em cima da mesa. As nuvens esborratadas de Spencer, as sequoias de Sara. E agora também um rio, com uma rapariga — Annie — a flutuar virada

para baixo na água. Sara arfou, deixou cair o desenho, não quis olhar. Mas a imagem, de qualquer maneira, ficou com ela. O cabelo encaracolado de Annie, o seu casaco de ganga, todos os traços cuidadosos do pai.

Regressou ao armário e fechou-se lá dentro.

No início da manhã seguinte, reuniram-se no alpendre de Annie: Sara, Dave, Crystal, Jimmy e Lily. O barco arrancou em Monte Rio, avançando lentamente. Nenhum deles tinha dormido. Não havia nada a dizer.

Não era a primeira vez que viam aquilo a ser feito. Todos os verões os turistas chegavam em catadupa, a maioria deles universitários com jangadas, boias gigantes e demasiado álcool. Os turistas enchiam as ruas, deixavam lixo nas praias e, de dois em dois anos, um deles afogava-se. Sara tinha visto corpos içados por ganchos para fora da água lamacenta, mas nunca o corpo de alguém que ela conhecesse.

Lily sentou-se ao lado de Dave, a segurar-lhe na mão. Crystal e Jimmy aninharam-se juntos, a partilhar um cobertor. Sara ficou atrás dos outros, a roer as unhas até fazer sangue. E então o barco apareceu ao longe, a mergulhar o seu gancho, a içá-lo. Os pais de Dave e Annie estavam no barco e Sara não sabia o que seria pior: esforçar os olhos para tentar ver ao longe ou estar a assistir a tudo demasiado perto.

Estavam à espera de que o barco passasse por eles, mas não passou. Parou à distância de várias casas, suficientemente perto para conseguirem ver as pessoas reunidas de um lado do barco, a olhar borda fora para algo no fundo.

O gancho gigante desceu e Dave gemeu, baloiçando para trás e para a frente. Lily dizia «Calma, está tudo bem, está tudo bem». Chegaram gritos vindos do barco, percorreram a distância entre eles, e o gancho içou Annie da água.

* * *

Os rostos dos seus amigos, vermelhos, molhados e inchados. O pânico nos olhos de Dave, o olhar vago de Crystal. Os esforços de Jimmy e Lily para acalmar os outros, até que Jimmy correu para a borda do alpendre e vomitou, e Lily entrou a fim de telefonar para casa, mas esqueceu-se do seu próprio número. Sara ficou quieta, enquanto tudo se desenrolava à sua volta. Os soluços que se ouviam ao longo do rio. O arco do corpo pendurado de Annie, a água a jorrar da sua roupa e do seu cabelo.

Sentiu o sabor de sangue, percebeu que estava novamente a morder o dedo e enfiou a mão no bolso.

Lá dentro, roçando-lhe na ponta dos dedos, um papel, dobrado ao meio. Tirou-o, desdobrou-o. Viu o nome do rapaz pela primeira vez: Grant.

Grant, com o seu carro que precisava de ser arranjado. O carro que poderia levá-la para longe dali. Longe da voz do pai de Lily, agora ali e a rezar. Longe do som de Dave a ofegar, cada arfada como uma facada no seu coração. Longe do abismo que a ia engolir tal como acontecera quando ela perdeu a mãe.

Viu o pai, a olhar fixamente para o corredor escurecido.

O desenho que ele lhe deixara para que ela o encontrasse: demasiado horrível para o conseguir compreender.

Ela não podia ficar. Não ali, naquela vila que levava as pessoas.

Conseguiu atravessar a casa até à porta.

Ainda era de madrugada. Apanhou o autocarro para o motel. Viu um *Honda Civic* à beira da estrada e, quando se aproximou o suficiente para ver o interior da viatura, exalou. Ele estava lá dentro, ainda a dormir, com as pernas dobradas como as de um boneco de papel, e a boca aberta.

Sara bateu à janela. Ele assustou-se, viu-a, sentou-se direito.

— Estava a fazer o meu sono de beleza.

— Eu vou contigo — disse ela. — Temos de ir embora hoje.

Ela esperou no passeio com a mochila às costas enquanto Grant falava com o mecânico.

— Têm de acabar um trabalho primeiro, por isso ainda vai demorar algumas horas — disse Grant quando saiu.

Ela não tinha algumas horas, sentia a necessidade de se ir embora *imediatamente*, mas prometera-lhe dinheiro e tinham de o ir buscar. Inicialmente, pensara em Maureen. Ela sabia que a patroa lhe daria o dinheiro se ela precisasse, mas também sabia que Maureen iria tentar fazer com que não se fosse embora. Lily tinha sempre algum dinheiro do trabalho que fazia na igreja, mas Sara não suportava ver os amigos tão cedo, com as faces manchadas de lágrimas, o seu próprio desgosto refletido naqueles rostos. Era possível, pensou, que nunca mais conseguisse voltar a olhar para eles.

Portanto, era assim que era. Só restava uma pessoa.

Percorreu a estrada principal com Grant até uma rua estreita. Há muito tempo que não se dirigia a casa de Eugene. Esperava que ele estivesse a falar a sério quando lhe disse que a ajudaria.

Quando Sara era criança, a sua família passava ali os fins de semana, os pais a beber cervejas no alpendre de Eugene com vista para o rio e Sara a segurar na mão de Spencer enquanto o guiava pelos degraus de madeira desde a casa de Eugene até à margem coberta de seixos. Mesmo antes do nascimento de Spencer, por vezes, Sara e a mãe deitavam-se no cais de Eugene, com o sol a aquecer-lhes a pele.

Ela lembrou-se de tudo enquanto se aproximava da casa — bandejas com os lanches que a ex-mulher de Eugene lhes preparava, batatas fritas e fatias de melão — e perguntou-se para onde teria ela ido depois da morte da mãe de Sara, porque é que não tinha continuado a fazer parte das suas vidas. Agora estavam quase a chegar

ao rio e Sara não queria olhar para lá. Estava contente por mal o conseguir ver atrás das árvores.

A porta abriu-se e lá estava Eugene, sozinho, tal como ela esperava.
— Sara.

Ele semicerrou os olhos.

— Preciso de ajuda — disse Sara.

— Entra — respondeu ele. — Tu também, quem quer que sejas.

Entraram ambos e Eugene fechou a porta. As paredes de madeira de sequoia, o tapete de pelo comprido, as portas de correr envidraçadas que davam para o alpendre. Sara sabia que lhe seria familiar, mas isto era mais do que isso. Ela quase conseguia ouvir a voz da mãe. Quase desfaleceu com essa sensação.

— Agora conta-me. O que se passa?

— Tenho de me ir embora. Vou partir hoje e preciso de dinheiro.

— Vais-te embora para onde?

— Não importa. Só preciso de algum dinheiro para lá chegar. O que quer que me consigas dispensar. Hei de arranjar um emprego e depois pago-te.

Eugene encostou-se à porta fechada e olhou para eles.

O que aconteceu naquele momento? Que quietude peculiar, que luz peculiar? O pó levantou-se do tapete quando Sara deslocou o seu peso, brilhou, dispersou-se. Ela observou o olhar de Eugene a desviar-se do seu corpo e a instalar-se no de Grant. Os extremos da sala elevaram-se, o chão inclinou-se para baixo, a afunilar-se para o centro. Era quase impercetível, mas Sara conseguiu senti-lo.

E depois, sim, lá estava.

— Dinheiro é uma coisa que tem de se merecer, Sara.

Ele estava novamente a olhar para o corpo dela, não estava a tentar escondê-lo. Sara estava habituada a que os homens a olhassem daquela maneira, mas não esperava isso de Eugene. Ele olhou-a diretamente nos olhos e desapertou o cinto. Virando-se para Grant, fê-lo deslizar pelas presilhas das calças, uma a uma.

UMA HISTÓRIA DE AMOR DOS NOSSOS TEMPOS

Quando fugiu de casa aos 16 anos, Sara Foster deixou para trás tudo aquilo que a definira como pessoa até então. Anos depois, é uma mulher diferente, fruto das memórias do passado e dos traumas que a foram moldando ao longo da vida. Em Los Angeles, onde decidiu assentar, trabalha num bar e é conhecida pelos fantásticos cocktails e pela aura de mistério que ostenta.

Do outro lado da cidade, há muito que Emilie Dubois se encontra numa busca constante da sua própria identidade, acumulando experiências académicas com as quais é incapaz de se comprometer. Quando decide dar um novo rumo à sua vida, aceita impulsivamente um emprego numa florista, que a levará a fazer arranjos de flores para o glamoroso restaurante Yerba Buena, onde, numa certa manhã, o seu olhar se cruza com o de Sara, dando início a uma ligação imediata.

Contudo, apesar do muito que as aproxima, a pesada bagagem emocional que ambas carregam, resultante das suas escolhas, acaba por levar a um afastamento. E é quando Sara se vê confrontada com o seu passado e Emilie encontra finalmente um propósito na vida que as duas têm de decidir se o amor que as une tem força suficiente para as fazer ultrapassar todos os obstáculos e sarar todas as feridas.

«Nina LaCour escreve com beleza e clareza sobre o facto de uma relação não substituir a necessidade mútua de estas personagens se amarem a si próprias.»

PUBLISHERS WEEKLY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871481



9 789897 871481 >